

## DIREITO À EDUCAÇÃO DE MULHERES EM NÍSIA FLORESTA: SUA OBRA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO A PARTIR DA TEORIA DA RECEPÇÃO

TATIANA AFONSO OLIVEIRA<sup>1</sup>; EDUARDO ARRIADA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – UFPel – tatianaafonsooliveira@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – UFPel – earriada@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido<sup>1</sup>, de caráter qualitativo, situa-se na área da história da educação e objetiva demonstrar o papel da recepção literária na preservação do patrimônio histórico-educativo de Nísia Floresta.

Inicialmente, aborda-se quem foi Nísia Floresta e suas principais contribuições. Também, é discutido o que se entende por patrimônio histórico-educativo em suas diversas facetas, bem como os motivos de a obra de Nísia Floresta ser considerada um patrimônio histórico-educativo. Ademais, faz-se necessário que contextualizemos o que é a teoria da recepção literária e seu papel na preservação da obra de Nísia Floresta ao longo dos últimos dois séculos. Por fim, destacaremos as principais conclusões alcançadas até o momento.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa, quanto à abordagem, é qualitativa. Não há preocupação com criação de dados numéricos, mas sim com a compreensão dos fenômenos que se propõe a analisar. Segundo Godoy (1995, p. 21), a pesquisa qualitativa tem papel de destaque no estudo dos fenômenos envolvendo seres humanos e suas relações sociais.

Opta-se, então, pela pesquisa qualitativa, porque o caminho deste estudo ingressa nas fontes de nosso objeto de investigação e seus atravessamentos. Tanto a investigação quanto a interpretação dos dados são feitos sob tal viés.

E como técnicas de pesquisa utilizam-se a bibliográfica e a documental.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nísia Floresta (1810-1885) foi uma das mais importantes pioneiras do pensamento feminista e da educação no Brasil. Seu nome de batismo é Dionísia Gonçalves Pinto, nascida no sítio Floresta, na cidade de Papari<sup>2</sup>, Capitania do Rio Grande do Norte (Margutti, 2019, p. 15). Destacou-se por sua atuação como educadora e defensora dos direitos das mulheres no século XIX. Em um período onde a educação escolar para meninas era de restrito acesso e, quando existia, funcionava como preparação para que fossem boas esposas, donas de casa e mães, Nísia ousou desafiar tais paradigmas ao defender que a educação para meninos e meninas deveria ser igualitária quanto ao que se ministrava.

Destaca-se, por exemplo, a Lei de 15 de outubro de 1827, que postulava a criação de “Escolas de Primeiras Letras”, em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos. Determinava que os professores deveriam ensinar a ler, a

<sup>1</sup> Tal pesquisa é financiada pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio da Bolsa de Demanda Social – DS.

<sup>2</sup> Hoje, a cidade se chama Nísia Floresta.

escrever, a realizar operações aritméticas, decimais, geometria, gramática, moral cristã e doutrina da religião Católica (Tambara & Arriada, 2005, p. 24).

Aranha (2006, p. 229) assinala que, com a lei de 1827, pela primeira vez foram determinadas aulas regulares para meninas, entretanto, o conteúdo destas era voltado para prepará-las para um futuro casamento e funções maternais. E, mesmo essa parca educação tinha graves deficiências: o número de escolas para meninas era menor que vinte.

Além de suas diversas obras denunciando a educação atrofiante a qual estavam submetidas as meninas e mulheres, Nísia fundou, no Rio de Janeiro, o Colégio Augusto. A escola, que funcionou por 17 anos, ousou ao fornecer educação de qualidade para meninas: estas aprendiam disciplinas como história, geografia, idiomas, que, na época, eram exclusivas para meninos.

Incomodava a sociedade da época a existência de uma escola para meninas que ensinasse além dos conteúdos de vida doméstica e matrimônio. O jornal “O Mercantil”, em 1847, teceu o seguinte comentário sobre a existência de disciplinas como o estudo de idiomas (línguas) para as meninas: “Trabalhos de língua não faltaram; os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos.” (Duarte, 1995, p. 34).

Partindo-se para o entendimento do patrimônio histórico-educativo, destaca-se que tal concepção é bastante ampla. Souza (2013, p. 211-213) faz uma discussão teórica acerca do tema. Há quem utilize o termo patrimônio escolar, patrimônios escolares ou patrimônio educativo ou histórico-educativo. O termo patrimônio histórico-educativo tende a não limitar o patrimônio ao ambiente escolar em sentido estrito. Entretanto, independentemente do termo escolhido, a autora entende que engloba edificações, documentos, objetos, mobiliários, livros, manuais didáticos. Também, comprehende-se o patrimônio imaterial, como a cultura escolar.

Assim, a forma de preservação do patrimônio histórico-educativo se dá de variadas maneiras. A preservação de livros didáticos poderia vir sob a forma de arquivos escolares, a manutenção de objetos escolares pode estar em um museu, assim sucessivamente (Vidal, 2017, p. 261).

A respeito de Nísia Floresta, entende-se, portanto, diversos aspectos de sua vida e trabalho como manifestações de um patrimônio histórico-educativo digno de preservação. Um exemplo claro é o museu Nísia Floresta, localizado em Nísia Floresta (RN), reunindo materiais de sua vida, obra e trabalho. Outra manifestação de patrimônio histórico-educativo em Nísia Floresta poderia ser o resgate de materiais didáticos utilizados no Colégio Augusto ou mesmo a cultura da escola.

Entretanto, no presente texto, pretende-se abordar o conjunto de suas obras escritas (livros, artigos, ensaios) como patrimônio histórico-educativo e de que maneira ocorre sua preservação. As obras de Nísia Floresta são documentos. Cellard (2008) nos dá cinco importantes aspectos para prestarmos atenção na avaliação de documentos: o contexto, o autor, a autenticidade, a natureza do texto e a lógica interna.

Sobre o/a/s autor/a/es, Cellard (2008, p. 300) explica que um texto foi feito por alguém com interesses. Assim, precisamos entender sobre essa pessoa a sua formação, identidade, se fala por um grupo social. Outro ponto importante quanto ao/a/s autor/a/es, é que entendemos por que esse documento foi preservado e chegou até nós.

Sobre as obras de Nísia Floresta, a preservação se dá em duas frentes: preservação material e preservação de leitura e produção. Quanto à primeira,

refere-se ao fato de que diversas de suas obras têm suas 1<sup>as</sup> edições preservadas em bibliotecas e acervos. A segunda refere-se ao fato de que suas obras seguem sendo produzidas e lidas. Assim, se formos hoje a uma livraria podemos adquirir um exemplar novo de alguma obra sua.

Abordaremos, neste texto, a segunda forma de preservação, objetivando entender o papel da teoria da recepção literária neste contexto. A teoria da recepção literária é uma corrente surgida na Alemanha, especialmente na Universidade de Constança, nos anos 1960. Seu pressuposto básico é que o sentido de uma obra escrita não é fixo, mas se constrói no processo de recepção, sendo influenciado por fatores históricos, sociais e culturais. Os grandes nomes desta teoria são Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser.

Um dos principais conceitos de Jauss (1982) é o “Horizonte de expectativas”. Segundo esse, os leitores de uma obra pertencem a tempos diferentes e carregam consigo expectativas estéticas, morais e intelectuais sobre a obra. A recepção de uma obra varia conforme ela confirma, frustra ou supera esses horizontes.

Para Jauss (1994), a leitura tem caráter histórico: a recepção ocorre porque uma obra é lida e relida ao longo da história, determinando sua permanência. Ademais, os leitores leem a partir de diferentes experiências anteriores, gerando um movimento dialético entre passado e presente.

Assim, a preservação da obra de Nísia Floresta se dá pelo seu caráter de permanência, já que seu conteúdo permite diferentes leituras em diferentes tempos históricos.

Iser (1974) destaca o conceito de “Leitor implícito”. Para ele, o autor, ao escrever, pensa em um leitor ideal. Então, constrói seu texto imaginando o público que o lerá: os conhecimentos, hábitos e valores do leitor. Ademais, para Iser (1974) a leitura é ativa, sendo que o leitor participa na construções de sentidos a depender do seu ponto de vista. O texto, portanto, é indeterminado, ou seja, permite mais de uma interpretação e é isso que o torna duradouro.

Observa-se total ressonância entre os postulados de Iser (1974) e a preservação e continuidade das obras de Nísia Floresta. É visível que suas obras, no século XIX, eram dirigidas a um público capaz de questionar o *status quo* da educação feminina. O leitor implícito de Nísia era alguém com ideias progressistas para a época. Ademais, sua coletânea de obras permite a formulação de diferentes sentidos mesmo séculos depois, com outros leitores, tendo outros pontos de vista.

#### 4. CONCLUSÕES

Destacam-se como principais conclusões obtidas: as obras de Nísia Floresta constituem patrimônio histórico-educativo e a preservação do mesmo pode ser justificado pela teoria da recepção, já que tais textos foram e são capazes de produzir diferentes sentidos em diferentes leitores ao longo da história dos últimos dois séculos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: vida e obra**. Natal: Editora Universitária/UFRN, 1995.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>> Acesso em 22 jul. 2025.

ISER, Wolfgang. **The Implied Reader: Patterns of Communication in Prose Fiction from Bunyan to Beckett**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. **Toward an Aesthetic of Reception**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

MARGUTTI, Paulo. **Nísia Floresta, uma brasileira desconhecida: feminismo, positivismo e outras tendências**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

SOUZA, Rosa Fátima de. Preservação do Patrimônio Histórico Escolar no Brasil: notas para um debate. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan./jun. 2013. p. 199-221. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013199/2539>>. Acesso em 17 jul 2025.

TAMBARA, Elomar & ARRIADA, Eduardo (org). **Coletânea de leis sobre o ensino primário e secundário no período imperial brasileiro: Lei de 1827; Reforma Couto Ferraz – 1854; Reforma Leôncio de Carvalho - 1879**. Pelotas: Seiva, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação como arqueologia: cultura material escolar e escolarização. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251–272, 2017. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818362017251>>. Acesso em 18 jul. 2025.